

| Coluna

### UM STENDHALIANO

Por Franklin Jorge

“Um stendhaliano” — na síntese de Antonio Carlos Villaça —, o escritor Ascendino Leite é autor de uma prosa rápida, leve, mas profunda. Nascido em Conceição do Piauí, em 1915, viveu a maior parte de sua longa existência no Rio de Janeiro, onde afirmou-se no jornalismo, sobretudo no articulismo político e no ensaísmo literário. Hoje, aos 93 anos, vive em João Pessoa, como sempre, dedicado às letras e ao convívio com os seus pares.

É, sem dúvida, o maior escritor brasileiro vivo da atualidade. Autor de ficção e poesia e de um “jornal literário” que não tem pressa de chegar ao fim, Ascendino vem consignando há setenta anos, em seu diuturnalismo literário, a vida cultural do país. Porém, mais que uma referência obrigatória para os estudiosos, o criador de uma monumental catedral de palavras repletas de sentido.

Paciente e observador, como se definiu certa vez, o paraibano Ascendino é um escritor sem a vocação do grande público. Não porque seja o autor de um texto hermético, de difícil compreensão pela maioria — absolutamente —, mas pela dificuldade que as editoras têm em lidar com autores que não fazem concessão ao gosto do leitor médio, que se recusa a pensar e espera do livro que seja um picadinho de lugares-comuns. Ascendino obriga-nos a pensar e a ler nas entrelinhas o sentido oculto das coisas.

Não admira que deplora o indivíduo conformado, dominado pela multidão, e desconfie dos poetas prolíficos, os que, não tendo sentimentos, apelam para o facilitário das palavras. Não é desses fazedores de livros, portanto, que procuram a quantidade, mas a qualidade que resulta de um contínuo e obstinado processo de depuração. Afinal, como nas essências, só o pouco compõe a raridade. E só a raridade, como sabemos, é exemplar.

Por isso mesmo pôde escrever em um dos seus diários: — “Raros os dias em que não me cercam os imbecis. A maioria, gerada pela política, me chega pelos jornais ou adentra a minha sala pela televisão. Avalanche mesmo é a dos embalados pela síndrome da poesia, os silogistas dos versos. Os maníacos da escritura poética. Esses, se eu fosse Deus, decidiria

que fariam melhor se fossem compor os anais do Purgatório, como prêmio às suas tolices poéticas...”

Nem sequer sabem ser fúteis, esses, que nunca conseguiram ser sérios e ajuizados alguma vez. Justamente o oposto de Ascendino, cujo arte literária delata a primazia do estilo que resulta não apenas da personalidade do autor, mas da meditação e do apuro espiritual, de infinitas leituras e, segundo a lição prodigada por Proust, da transcendência do real.

Machadiano em sua auto-ironia, claro e bem humorado como o humanista que é, fazendo-se entender por todos através duma prosa elegante e substantiva, feita na medida da contenção e da pertinência, Ascendino Leite é tudo o que ele próprio disse acerca de Musil – um escritor que, escrevendo, é como se estivesse a defender-se do seu próprio poder de avantajá-lo.

---

**FRANKLIN JORGE** (Rio Grande do Norte) - Escritor e Jornalista. Vencedor do Premio *Luis Camara Cascudo* em 1998 com o Livro: *Ficções Fricções Africções* (1997).